

1985

# Abandono do sistema internacional, 'saída para dívida do País'

**BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO**

O desengajamento do sistema financeiro internacional é a alternativa que vem sendo estudada — mais tarde se transformará em livro — pelo assessor para assuntos de dívida externa do Ministério do Planejamento, Paulo Lyra (ex-presidente do Banco Central), para enfrentar o problema do pagamento desse débito. Essa alternativa, considerada pelo autor como bastante original, prevê a suspensão do pagamento dos juros por cinco anos e sua consequente capitalização, criação paralela de um fundo (*sinking fund*) de reserva da ordem de US\$ 6 bilhões por ano e um prazo para amortização do principal e juros de 20 anos.

De acordo com Lyra, que falou ontem no ciclo de debates sobre Planejamento do Ipea, a idéia do desengajamento partiu de duas premissas básicas: a sociedade brasileira não estaria satisfeita com o atual sistema de refinanciamento da dívida e afasta duas hipóteses para negociação da dívida, que são a moratória e a possibilidade de aguardar uma solução genérica para o endividamento externo.

Crescimento econômico real em torno de 7 a 8% é o objetivo pretendido por Paulo Lyra com a sua proposta de desengajamento. Ele acredita que devam ser abandonados do cenário econômico taxas que considera

medíocres como a que prevê o PND do novo governo, da ordem de 5 a 6% ao ano. Com essa operação seria gerado um pacto de combate "sério e honesto" à inflação e os compromissos com o Exterior continuariam honrados.

Lyra explica a razão desses objetivos. O crescimento da economia em torno de 7 a 8% resolveria efetivamente o problema do desemprego, não só da mão-de-obra nova que se está formando.

No plano interno a manobra de desengajamento resultaria na transferência ao Banco Central de US\$ 10 bilhões de amortização e mais outro tanto de juros, totalizando US\$ 20 bilhões e esses recursos seriam devolvidos ao sistema, sendo que uma parte seria utilizada para compra de dólares para constituição do fundo. Se esse fundo for de 5 ou 6 bilhões ao ano, esclarece Lyra, sobrariam 14 bilhões de recursos.

A proposta de desengajamento do sistema financeiro poderá gerar, por parte dos credores, o que Paulo Lira chama de retaliação. Ele prevê que a primeira delas poderá ser a perda de linhas de crédito comercial e linhas de crédito para os bancos brasileiros e ainda suspensão dos empréstimos das agências internacionais BID e Bird. De qualquer forma, Lira considera seu plano um "exercício de lógica" para mostrar que há outra possibilidade de se pagar a dívida externa.